

Especial

# Barra do Riacho pede socorro

Barra do Riacho, uma antiga aldeia de pescadores situada no município de Aracruz, está vivendo dias de expectativa diante da ameaça da vinda de cerca de oito mil operários para trabalharem na expansão do porto da fábrica da Aracruz Celulose e na implantação de uma estrada-de-ferro ligando o local aos centros produtores de matéria prima utilizada na fabricação de celulose. Barra do Riacho já passou por

problema semelhante entre 1975 e 1978 quando se instalou no local o canteiro de obras da fábrica. Um confinamento de prostitutas, falta de policiamento e propagação de doenças venéreas na área são alguns dos problemas encarados pela Associação Comunitária de Barra do Riacho, que agora se movimenta para evitar que voltem a acontecer fatos ocorridos em um passado não muito distante.

Por Pedro Maia  
Fotos: Ailton Lopes

A população do distrito de Barra do Riacho, no Município de Aracruz, está alarmada com fatos que vêm acontecendo no local onde o índice de criminalidade se tornou uma séria ameaça para toda a comunidade. O estado de tensão dos moradores locais aumentou no final da última semana quando ali foi assassinado, a facadas, um funcionário de uma das empreiteiras que trabalham para a Aracruz Celulose. O crime foi latrocínio, e os criminosos, jovens do próprio local, mataram para apoderar-se de pouco mais de Cr\$ 10 mil, o pagamento mensal do operário assassinado.

O problema da violência vem afetando Barra do Riacho desde meados de 1975, quando a Aracruz Celulose implantou no Município os canteiros das obras de construção de sua fábrica. Junto com os operários chegaram os aventureiros e as prostitutas, mudando por completo a paz e tranquilidade de Barra do Riacho, até então uma bucólica aldeia de pescadores com uma população fixa de pouco mais de duas mil pessoas. Nos arredores desta aldeia desenvolveu-se um confinamento de prostitutas que hoje possui cerca de 50 casas, abrigando mais de 200 mulheres, vindas dos mais diversos pontos do Espírito Santo. Este confinamento é conhecido por "Caixote" ou "Lajota" e transformou-se no maior problema para a comunidade local.

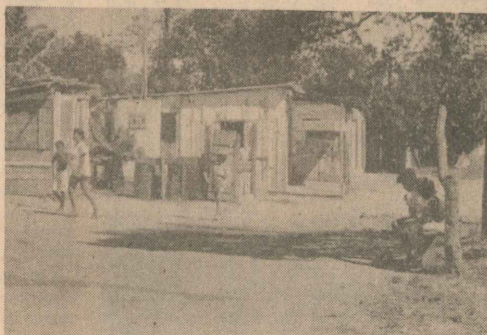
## HISTÓRIA

A penetração da Aracruz Celulose no Município de Aracruz começou em 1967 através de sua subsidiária, a Aracruz Florestal, que acabou por desmatar o que a extinta Companhia Ferro e Aço havia deixado da exuberante floresta tropical, paulatinamente transformada em carvão vegetal, que durante muitos anos alimentou os fornos daquela empresa, em Jardim América.

A mudança da antiga Ferro e Aço na moderna Ferro e Aço de Vitória, acabou com os fornos a carvão, passando a funcionar com altos-fornos elétricos. Os lenhadores que desceram de Minas e Sul da Bahia para a extração de madeira no Município de Aracruz, receberam, a título de indenização, a permissão para permanecerem nas terras onde possuíam suas casas e roçados, na condição de posseiros. E assim a Ferro e Aço abandonou a área no início da década de 60.

Foi a partir de 1967 que a Aracruz Florestal foi adquirindo pouco a pouco as terras deixadas com os antigos empregados da Ferro e Aço. Usando de métodos as vezes não muito recomendáveis a empresa adquiriu propriedades de 460 posseiros que emigraram para outros centros, ou aceitaram trabalhos como "peões" na instalação da fábrica. Desta maneira a Aracruz comprou, e continua comprando, terras na região e hoje já conta com mais de 52% da área do Município sob seu controle, ou sejam, 75.000 dos 139.000 hectares que compõem o perímetro municipal.

Em 1975, uma vez senhora de uma grande floresta, capaz de sustentar seus planos de produzir polpa de celulose, começou a ser montada a fábrica da Aracruz Celulose que foi inaugurada em 1978, com a presença do então presidente do País, general Ernesto Geisel.



O confinamento do lenocínio em Barra do Riacho funciona de maneira precária e sem as mínimas condições de higiene.



D. Magdalena: "Aqui todo mundo vive intranquilo e ameaçado pelas prostitutas. É um horror".

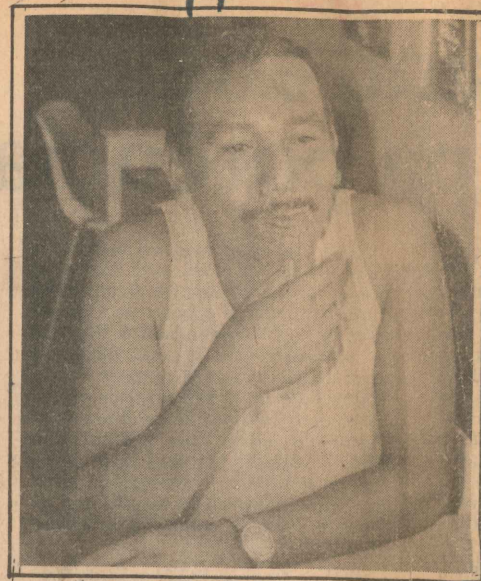
atingindo os jovens do local, que se misturaram aos marginais passando também à delinquência.

## REVOLTA

Em 1978, após vários movimentos, a população de Barra do Riacho, cansada dos estupros sofridos por várias moças do lugar e, sobretudo, alarmados com os índices de propagação de doenças venéreas, reuniu-se em um grupo de mais de cinquenta cidadãos e foram a presença do prefeito e do Juiz de Direito de Aracruz, onde solicitaram providências para que o confinamento das prostitutas fosse extinto. Nessa ocasião a comunidade de Barra do Riacho foi atendida e a zona foi interdita.

Porém o fechamento durou pouco tempo e logo em seguida — menos de dois meses — pressões políticas influenciaram para que o local voltasse a funcionar. As casas de prostituição foram reabertas e permanecem funcionando até hoje, levando problemas e sobressalto, para a comunidade de Barra do Riacho.

Agora o problema se agrava com a expectativa da ampliação das obras do Porto ali existente e com a vinda da estrada de ferro que está sendo construída para ligar a Aracruz Celulose aos principais pontos de produção das matérias primas utilizadas



Marino da Silveira, presidente da Associação Comunitária, quer conscientizar o povo para combater as ameaças trazidas pelo progresso.

Mas a verdade é que as irregularidades são muitas e saltam aos olhos, mesmo do observador mais desatento: as condições de higiene praticamente não existem; também não existe assistência médica ou controle de doenças venéreas na área; falta policiamento e é grande o número de menores que vivem promiscuamente no local; as prostitutas em sua maioria são arrebanhadas entre as camadas mais pobres do interior e ali não recebem nenhuma assistência, ou atenção especial, por parte das autoridades sanitárias do Município.

A falta de policiamento permite que a delinquência cresça assustadoramente envolvendo a juventude local como ficou comprovado com o latrocínio ocorrido na última semana. Dois dos criminosos, irmãos, são naturais de Barra do Riacho onde nasceram e se criaram. Na zona quem manda é um cidadão conhecido pela alcunha de Negrito que é uma espécie de "poderoso-chefão" da região. Negrito tem ameaçado de morte cidadãos de Barra do Riacho que se colocam contra o funcionamento das casas de prostituição e uma destas últimas ameaças foi dirigida ao comerciante Marino da Silveira, atual presidente da Associação Comunitária de Barra do Riacho e principal figura no movimento para livrar o distrito daquilo que ele denomina como principal causa das mazelas morais que ali ocorrem: a zona de prostituição.

## COMUNIDADE

Neste sentido Marino da Silveira, que é também proprietário de um bar na principal rua do lugar, tem dirigido seus esforços a frente da Associação Comunitária local. Ele afirma que "Barra do Riacho foi transformada no quarto de despejo do município de Aracruz" e acusa as autoridades municipais de "coniventes no crime perpetrado contra a população ordeira do local".

— Antes disso aqui era um lugar tranquilo onde as famílias viviam em paz. Depois transformou-se em um inferno onde viver ficou muito difícil. Agora com a nova ameaça é necessário que a comunidade se posicione para evitar que tudo venha a se repetir de novo aumentando os problemas que já são muitos — afirma ele.

E para conseguir seu intento o presidente da Associação Comunitária de Barra do Riacho está movimentando as donas de casa em uma grande campanha de esclarecimento sobre o problema. Ele já enviou ofícios a diversas autoridades do Município e do Estado, no sentido de criar-se uma delegacia de Polícia em Barra do Riacho e manter ali um destacamento policial que possa dar segurança a população. O prefeito municipal, Heraldo Musso, prometeu atender a reivindicação dos moradores de Barra do Riacho, porém até agora o policiamento é feito pelo destacamento de Coqueiral, distante cerca de 30 quilômetros do centro da vila.

Afirma Marino da Silveira que a solução seria a Aracruz Celulose ceder um terreno distante, pelo menos cinco quilômetros de Barra do Riacho, para

Durante a montagem da fábrica, de 1975 a 1978, estiveram trabalhando na região cerca de 10 mil operários, vindos dos mais distantes pontos do Brasil. O advento destas levas de trabalhadores tomou de assalto as localidades vizinhas, principalmente Barra do Riacho, que por ser a mais próxima da fábrica, cerca de 1 Km, foi a que mais sofreu. Após a montagem da fábrica a maioria dos homens se transferiu para outros locais, porém em Barra do Riacho restou a trágica herança dos homens de um desenvolvimento econômico que na realidade não ocorreu: restou o confinamento das prostitutas — a popular zona — que instalada ao lado do campo de futebol do "Riachuelo F.C." acabou por tornar-se no grande problema para a comunidade local.

Ali ocorreram muitos crimes bárbaros e a influência negativa do ambiente promíscuo terminou,

pela fábrica. É prevista a chegada de cerca de oito mil operários até meados do próximo ano e o município de Aracruz não possui infra-estrutura bastante para receber tal carga humana. A comunidade de Barra do Riacho, que foi o distrito que mais sofreu com a construção da fábrica da Aracruz Celulose está temerosa que tudo venha a ocorrer de novo, trazendo mais problemas para os moradores locais.

Os proprietários — ou **testas-de-ferro** — das casas que funcionam em Barra do Riacho afirmam que controlam comércios legais pois quase todas são registradas como bares e similares, pagando impostos à Prefeitura de Aracruz. Para muitos a existência do confinamento da prostituição em Barra do Riacho foi um "mal necessário" pois passou a ser uma espécie de "válvula de escape" para os trabalhadores que ali viviam isolados das famílias e sem condições de ter acesso a cidades vizinhas, de maior movimento.

que o confinamento da prostituição exista longe da área urbana do distrito, sem interferir na vida da comunidade.

O movimento da Associação Comunitária de Barra do Riacho foi logo aceito pelas donas-de-casa do lugar que são as mais preocupadas com o problema. Uma delas, a sra. Magdalena Azeredo Jerônimo, afirmou para a reportagem de **A TRIBUNA** que sua vida se transformou em um inferno depois que foram iniciadas as obras da Aracruz Celulose: — "Aqui ninguém tem sossego. As mulheres brigam e gritam o dia todo promovendo desordens sem o mínimo respeito pelas famílias que moram nas proximidades. Nossas filhas são ameaçadas constantemente por homens que saem daquele lugar que as confundem com as prostitutas. E ninguém tem defesa contra este tipo de coisa. Estamos de acordo com o presidente da Associação e vamos lutar pelos nossos interesses em defesa de nossas famílias" — complementou d. Magdalena.

## Sífilis: uma séria ameaça

O médico Sixto Quinonez Diaz, chefe da Unidade sanitária do município de Aracruz, informou que está ocorrendo ali uma séria incidência de casos de doenças venéreas em gestantes, o que implica diretamente no nascimento de crianças já inoculadas pela bactéria da sífilis.

A unidade Sanitária de Aracruz controla a assistência médica rural e urbana no Município. Desta maneira é feito o atendimento pré-natal as camadas de menor poder aquisitivo — em sua maioria famílias de operários — onde se registra a incidência cada vez maior de enfermidade infecto-contagiosa a nível de coletividade. São casos frequentes os problemas de blenorragia ocular em recém-nascidos o que indica a existência de um surto de doenças venéreas na região.

Explica o dr. Sixto Quinonez que a maioria das pessoas, vítimas de tal tipo de moléstia, desconhece o problema e suas consequências: — "Quando um operário contrai uma doença venérea, por ignorância ou temor, procura um tratamento inadequado, na base de antibióticos comprados de maneira errada nos balções das farmácias. Os primeiros sintomas desaparecem mas a doença continua em estado latente surgindo tempos depois, ou de tempos em tempos. Enquanto o mal não é curado o doente vai, inconscientemente, contagiando as pessoas com as quais mantém contatos físicos, vindo daí a propagação do mal".

O médico aponta como principal fator da disseminação das doenças venéreas no Município



**Dr. Sixto é pelo fechamento das chamadas zonas**

justamente a existência de confinamentos de prostitutas onde não existem as mínimas condições de higiene ou assistência médica periódica as mulheres que vivem nestes confinamentos. Para o dr. Sixto Quinonez Diaz a solução primária para conter o mal seria a extinção sumária dos confinamentos de prostitutas existentes na região, principalmente na área de Barra do Riacho, onde o problema tomou formas alarmantes, que tende a se agravar com a anunciada vinda de novas levas de trabalhadores para a região.

A respeito do assunto o dr. Sixto já encaminhou às autoridades sanitárias do Estado vários relatórios onde esplanou o problema do aumento da sífilis e suas principais causas, tendo mesmo orientado um grupo de estudo neste sentido. Segundo suas observações uma assistência médica periódica as prostitutas se torna uma tarefa quase impossível devido a falta de conscientização das próprias mulheres e ao constante rodízio que é feito nestes confinamentos. As prostitutas — muitas vezes por falta de meios — não cumprem as determinações impostas pelo tratamento médico e aqueles que as exploram nada fazem para evitar que elas continuem a propagar o mal.

Segundo o dr. Sixto o fechamento das chamadas zonas na região seria uma medida salutar e de alto valor para salvaguardar a saúde da comunidade, agora seriamente ameaçada pelo constante aumento nos índices de contágio de doenças venéreas.